

**Problematização do tempo *Em estado de memória* de Tununa Mercado**

Tamilis Loredo de Oliveira<sup>1</sup> (UESC)  
Cláudio do Carmo Gonçalves<sup>2</sup> (UESC)

345

**Resumo**

O tempo e a representação tornam-se cruciais na busca e na rememoração do passado, de modo a trazer memórias e experiências vividas em um dado momento. A presente pesquisa teve como objetivo investigar a problematização do tempo na obra *Em estado de memória* de Tununa Mercado (2011), bem como verificar a reelaboração da escrita das lembranças vividas no período do exílio, observadas a partir da personagem/narradora. Trata-se de uma pesquisa como método analítico-interpretativo, com abordagem qualitativa, que buscou observar a memória como meio de atualizar impressões de tempos passados e de rememorar informações e impressões consideradas ou representadas como passadas. As lembranças apresentadas pela personagem/narradora demonstram aspectos fragmentados e em construção.

**Palavras-chave:** Memória. Representação. Tempo. Problemática. *Em estado de memória*.

**Abstract**

The time and representation become crucial in the search and recollections of the past so as to bring memories and experiences at a given moment. The present research aimed to investigate the problematic time in the book *In state memory* Tununa Mercado (2011), as well as verify writing reworking of memories experienced in the period of exile, observed from the character/narrator. This is a research with the analytical and interpretive method with a qualitative approach, which sought to observe the memory as a means of updating impressions of the past and remembering information and

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras e Pós-graduanda em Gestão da Educação (Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus, Brasil, e-mail: [tamilisloredo@hotmail.com](mailto:tamilisloredo@hotmail.com), Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8729211687373507>).

<sup>2</sup> Professor Titular junto ao Departamento de Letras e Artes (Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC, Ilhéus, Brasil, e-mail: [claudiocarmo@ibest.com.br](mailto:claudiocarmo@ibest.com.br), Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6232467701444769>).

impressions represented or considered as passed. The memories presented by character/narrator demonstrate aspects fragmented and under construction.

**Keywords:** Memory. Representation. Time. Problematic. *In state memory.*

## Introdução

Na sociedade contemporânea, torna-se fundamental investigar os fenômenos culturais, no sentido de haver um entendimento sobre a memória durante o exílio, questão esta, que envolve as transformações relacionadas a processos ligados aos fatores mnemônicos, do qual o tempo se revela uma das possibilidades mais contundentes de leitura cultural. Nesse sentido, o tempo é uma categoria fundamental na busca do passado e da rememoração do presente, destacando-se a concepção memorialística relacionada à pós-ditadura, que possui relevância em explorar as vivências durante o período de repressão, vivido principalmente na América Latina.

A pesquisa buscou investigar a concepção e a representação do tempo como fator de memória nos estudos relacionados à contemporaneidade, no que se refere à lembrança, no livro *Em estado de memória*, de Tununa Mercado (2011), destacando-se as impressões contadas pela personagem/narradora. Com tal proposta, a pesquisa contribui de forma científico-acadêmica para os estudos culturais e para os processos relacionados à memória, cujos objetivos específicos se desdobraram em verificar como a problematização do tempo contribui para a reconfiguração da realidade, e em analisar a condição temporal na Literatura, em relação à perspectiva da personagem/narradora. As lembranças observadas na pesquisa estão ligadas ao exílio e a repressão na América Latina no período da Ditadura Militar, pois havia certo silenciamento por parte dos exilados e após esse tempo de exílio, alguns sujeitos tentaram trazer à tona experiências vividas durante este período.

## A construção do tempo *Em Estado de Memória de Tununa Mercado*

No período referente aos anos de 1960 e 1970 na América Latina, houve uma grande quantidade de pessoas que tinham que sair de seus países, devido à imposição que a política colocava sobre os indivíduos. Tratava-se de argentinos, brasileiros e pessoas de nacionalidades que tinham que se exilar devido à perseguição referente à ditadura militar. Todavia, no tempo do exílio, alguns escritores relataram suas experiências, suas memórias, seu passado, durante esse tempo que marcou a história. Os escritores através de relatos, ficção, autobiografias ou por meios de aspectos literários contam ou auxiliam os percursos das mais variadas memórias de suas vidas. Solange Munhoz (2006) aborda que o exílio pode ser considerado uma grande fratura na vida e em todas as relações do sujeito.

O exílio como consequência do golpe de estado na Argentina em 1976 e no Brasil em 1964 está associado, de modo geral, as perdas individuais e coletivas diversas: profissionais e afetivas; sociais e culturais; políticas. Sendo assim, a vida do exilado se estabelece sob o signo da provisoriedade e da identidade em crise [...] (MUNHOZ, 2006, p. 9).

Seria como se a vida real dessas pessoas fossem roubadas, isto é, sua identidade no nacional foi fragmentada por uma política repressora, com isso, diante da perspectiva da memória, esse tempo repressor problematizou o sujeito. A autora Tununa Mercado, que é também personagem e narradora da obra *Em estado de memória* (2011), relata sua experiência durante e após o exílio, visto que ela já problematiza inicialmente o tempo no próprio título de sua obra *Em estado de memória*, afirmando o percurso em relação às suas memórias. A personagem vê-se em adaptação às memórias passadas, ou seja, o problema mnemônico ou temporal é enfatizado sem mesmo antes abrirmos ou folhearmos as páginas da presente obra analisada.

Com isso, a personagem, no capítulo denominado “Receptáculo”, conta que ao longo dos retornos, seria como se sua memória estivesse fraturada. Tal afirmação percebemos quando ela faz referência à rua que “*em estado de memória*, seja esta bloqueada ou deixada com a liberdade de ligar-se aos dados da realidade” (MERCADO, 2011, p. 157-158). A realidade, na qual a personagem relata, refere-se a generalizações e a formas individuais de cada pessoa que retorna, ou seja, a representação do tempo passado reflete no tempo presente, e essa memória está em construção. Podemos estabelecer uma semelhança ao que Beatriz Sarlo (2007, p. 9) aborda que “[...] o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente”. O tempo passado está embutido no presente, pois a lembrança necessita desse tempo.

A representação que o tempo causa sobre o indivíduo provoca certo estranhamento no sujeito, sobretudo porque, na sociedade contemporânea, o tempo torna-se fator que concerne uma tênue impressão que o tempo percorresse rápido demais, e por outro lado, percebe-se que estabelece uma leveza. Tal questão é percebida no capítulo intitulado “Corpo de pobre”, em que Tununa Mercado narra sua trajetória na Cidade do México, em que iria sempre aos domingos. Nesse relato, a personagem escreve a sua memória, a imagem observada e criada de dentro de um automóvel e que lhe remete a memória, comparando-a à velocidade do seu trajeto.

*[...] a velocidade vai deixando para trás, em curvas regulares e em um ritmo implacável, um trajeto que se parece com o da memória, feito de postas, relevos, súbitos escurecimentos sob densos bosques, pontos cegos no horizonte, enormes poços de sombra, tênues resplendores que parecem dissipar a noite inacabada e dotá-la de luz. Para trás, à medida que avançamos, vai ficando, assim imaginava, uma gigantesca vela preenchida pelo vento (e virava pelo tempo), um telão pelo qual as partículas se insinuam até desaparecer muito longe e a nossas costas (MERCADO, 2011, p. 47).<sup>3</sup>*

<sup>3</sup> A formatação em itálico da citação consta no objeto de análise.

Nesse sentido, ao afirmar “*um trajeto que se parece com o da memória*”, observa-se que a todo tempo a personagem compara ou enfatiza sua memória, seu tempo passado a algo que esteja em contínuo percurso, ou que esteja em processo de criação ou adequação. A memória provoca no indivíduo sinais de retorno ao passado, pois o presente, como já abordado, precisa da lembrança para se constituir ou construir esse tempo presente. A problemática temporal possui formas que mostram a fragmentação do pensamento, do relato, sobre algo acontecido, ou mesmo de todas as passagens referidas ao passado. Diante disso, Maurice Halbwachs (2006, p. 120) discute que as formas individuais causam uma continuidade e uma falta de continuidade, em que “[...] os estados individuais formam uma série contínua, em que qualquer semelhança, qualquer repetição introduziria um elemento de descontinuidade”. O processo da problemática do tempo está formado também, na “descontinuidade” e “continuidade” da lembrança.

O processo de volta ao passado, a forma de relatar as experiências impulsiona uma reescrita da realidade em que se viveu. A ideia é calcada no momento em que o sujeito tenta relatar o tempo vivido, causando uma reconfiguração da realidade, ao tentar através da lembrança, impor uma nova forma de construção das memórias e do tempo passado. Com isso, a problematização temporal reaparece de forma fragmentada, questão essa, observada no relato da autora Tununa Mercado em que esses estados, esses fragmentos da memória tornam-se independentes e muitas vezes essas lembranças, precisam causar certa irmandade para haver uma reescrita, ou reconfiguração dessa realidade.

Fui, por exemplo, ‘ao primeiro exílio’ antes de completar 27 anos, regressei pouco antes de completar 31, fui embora de novo aos 34 e aos voltei 47. As épocas voaram como tornados, criando, em mim, estados repentinos de

confusão sobre a passagem do tempo. Durante essas insânias, não era excepcional que eu confundisse hemisféricos ou distorcesse pontos cardeais (MERCADO, 2011, p. 75).

Percebe-se que a personagem confunde-se no seu estado de memória e ainda remete que o tempo passou com rapidez devido aos muitos regressos, desde os seus vinte anos até os seus quarenta anos de idade. A confirmação de que o tempo é problemático e causa estranhamento no sujeito é notada na personagem, ao relatar que os estados memorialísticos provocaram fragmentação e confusão sobre a forma de como o tempo em muitos momentos passa depressa, ao ponto de provocar certa instabilidade de pensamentos e ideias. Ao remeter “as épocas voaram como tornados”, a personagem prova que o tempo passado provocou uma lembrança confusa e agitada sobre seu próprio eu. Seguindo esse viés, da problemática do tempo da personagem/narradora, Andreas Huyssen (2000, p. 75) assegura que “[...] o fascínio pelo passado é mais do que um simples efeito colateral compensatório ou fraudulento de uma nova temporalidade pós-moderna que paira sobre a necessidade de memória e o ritmo acelerado do esquecimento”.

A rememoração do passado e esse fascínio pelas memórias ou pelo tempo vivido provocam ou dá certo elo à própria subjetividade, que diante de algo que lhe foi retirado, como no caso de questões referentes ao exílio, o sujeito tenta reelaborar sua identidade e dá sentido às suas experiências. O sujeito tem a necessidade de se ancorar frente ao tempo passado, para construir uma nova visão de futuro, sobretudo, percebe-se que a personagem tenta recriar e reconfigurar sua realidade através de seus relatos, procurando sentido para sua própria noção de representação.

Quem regressa está obrigado a dividir um transcurso em tempos e intensidades: ‘No começo, foi duro [...], mas depois vamos nos acomodando.’ Quando termina essa frase ou essa construção que refere a um avanço e um retrocesso, um estar mal e um estar bem [...] Haverá, pois, um tempo futuro

de adaptação, no qual tudo se ordenará de maneira satisfatória (MERCADO, 2011, p. 156).

A personagem enfatiza no comentário acima, que esse processo de regresso e de vários indivíduos que permaneceram muitos anos distante de seu país de origem provocou uma problemática de adaptação e de certa ancoragem por parte dela própria, e também dos outros exilados. A frase “no começo foi duro” remete a uma memória fragmentada ou problemática do momento difícil que passou durante o afastamento de sua terra natal.

O indivíduo é um ser “exilado”, pois faz parte de um grande ícone de conhecimentos, devido o tempo se associar a questões ligadas à diferença, à memória e à identidade. Desse modo, as ideias que rodeiam o tempo passado são elaboradas a partir dessas questões levantadas, tal como a memória, que sendo ela reelaborada e reescrita causa uma grande fragmentação no sujeito, criando, assim, uma problemática temporal. O tempo presente, visto como um processo problemático, pode ser observado ao que pertenceu ao exílio provocando uma instabilidade de ideias.

O tempo do exílio tem o trajeto de um grande traço, estende-se segundo um ritmo amplo e aberto, suas curvas são ondas, oceânicas e distantes das praias, que não têm baixios e se parecem mais com a ideia do horizonte; o tempo acontece mais além, em outro lugar, que se ouve transcorrer nos silêncios da noite, mas que se separa, não se quer perceber porque se supõe que o desterro vai terminar, que se trata de parênteses que não contam em qualquer devir (MERCADO, 2011, p. 34).

A rememoração do tempo passado, observado nesse trecho referente ao capítulo “O frio que não chega”, resulta de uma imensa distância que a memória é capaz de representar. A memória é caracterizada pelo ritmo “amplo e aberto”, no qual a personagem faz a comparação, ou seja, esse tempo de exilada provoca uma problematização, temporal ou identitária. Ainda assim, esse percurso temporal pode ir

mais adiante, “em outro lugar”, uma vez que existe outra forma de encarar a representação da realidade, isto é, o tempo não procede somente em um determinado trajeto, mas percorre vários espaços da memória e da lembrança. O tempo passado reflete as lembranças no tempo presente e descreve suas lembranças apresentando não só suas angústias, mas também aspectos referidos ao sentimento, no qual Beatriz Sarlo (2007, p. 55) afirma que: “o narrador confia na representação de uma subjetividade e, com frequência, em sua expressão efusiva e sentimental, que remete a um horizonte narrativo identificável [...]”.

A narração voltada à experiência e traçada pela memória, pode ser representada no relato, constituindo um conjunto mantido pelo corpo e a própria voz do narrador. Desse modo, surge a presença do indivíduo no tempo passado, ou mesmo, a maneira real de estar nesse passado, com isso, a narração da lembrança em um relato, ou em outra forma de escrita, possibilita uma dualidade de utilização da memória ao elaborar uma reescrita da realidade. A forma de estabelecer o elo com o passado e ao mesmo tempo, com seu subjetivo, estabelece a relação entre sua vivência no presente e cria uma ancoragem visando o futuro. A narração em primeira pessoa autentica esse tempo passado, isso corrobora com a ideia de Solange Munhoz (2006, p. 48) ao afirmar que “[...] a autenticidade do narrado é evidenciada pela relação de identidade que une autor, narrador e personagem, sob o mesmo nome [...] que orienta o leitor na aproximação ao texto”. Essa relação provoca mais proximidade com o tempo em que a narradora quer representar no momento presente. Na seguinte citação, a personagem/narradora evidencia essa proximidade, do seu tempo problemático e o tempo do outro durante a trajetória mnemônica do exílio e dos exilados.

O indivíduo perdia altura, regressava a uma infância envolvida em nuvens e gazas, voltava a quartos com luzes zenitais e via-se, de repente, no meio de um bosque em sombras; o indivíduo não se divertia em seus sonhos. Nas vigílias, o efeito desses sonhos reiterava-se por chicotadas, impedindo-lhe



qualquer tipo de felicidade transitória na maior parte do tempo. (MERCADO, 2011, p. 35-36).

A atitude de regressar as lembranças e de imaginar algum acontecimento que desejaria que voltasse no tempo causa um desconforto, em que a personagem/narradora ao remeter a “bosques em sombras”, enfatiza que o inconsciente e as memórias do tempo não provocam estabilidade diante da realidade. Este efeito de elaboração do passado para tornar a lembrança menos cruel faz com que o sujeito veja a memória sempre em trânsito, isto é, o tempo torna-se problemático, pois se tenta reescrever e elaborar outra realidade. O tempo, que está em processo ou em *estado*, demonstra uma espécie de problematização e representa aspectos fragmentários:

[...] ora entende e ora não entende aquilo mesmo que ela reconstitui. É nesse momento que a ilusão de uma representação completa produz disquisições narrativas e descritivas, digressões e desvios cujo motivo é apenas o fato de ter acontecido com o narrador ou com o sujeito que ele evoca (SARLO, 2007, p. 54).

A representação é elaborada pela experiência da narradora/personagem diante do ato vivido, que após isso, tenta reescrevê-lo e projeta a experiência do outro indivíduo. Nesse sentido, a tentativa de reconstituição nada mais é que a busca incansável do passado, da lembrança, ou seja, um imenso medo de entrar em processo de amnésia. Tununa Mercado, ao afirmar que está *em estado de memória*, prova que o tempo passado está em reconstituição, em percurso, em transição, em problematização de suas lembranças.

Nesse sentido, a personagem, no capítulo “O muro”, centra-se nesse objeto e relata suas impressões quanto a esse muro e de seu aprendizado ao analisá-lo, “[...] permanecer, poupar, demorar o tempo do intervalo para a interminável sesta e só permitir que a consciência repasse breves partes da realidade, isso é a disciplina que se

aprende” (MERCADO, 2011, p. 209). A realidade cuja personagem cita, remete-se a lembranças que tendem a serem repassadas brevemente pela consciência. A problematização desse tempo torna-se evidência, já que a memória da mesma permanece e é poupada ao mesmo tempo no intervalo da lembrança do tempo passado.

A obra *Em estado de memória*, que descreve a extrema experiência traumática do exílio, mostra que a literatura de Tununa Mercado é, na verdade, uma solução, talvez “terapêutica” que procura enfatizar o tempo passado e como esse tempo torna-se perdido. A memória possui um papel importante no percurso temporal, desse estado de memória da autora/personagem/narradora. A escrita, de acordo a ideia de descrição do tempo passado representa questões da memória em recuperação e possivelmente da reconstrução e reinvenção da recordação e da lembrança. Com isso, o ato de narrar o passado, as lembranças do exílio, provoca uma reflexão sobre a própria identidade e sobre suas experiências. A personagem, no capítulo denominado “Intempérie”, levanta reflexões sobre o tempo, sobre a inclemência temporal, definindo o percurso, como sendo, variável:

Viver a intempérie, não proporciona as satisfações nem os desenganos do que se cumpre no transcurso. Nesse estado de intempérie, não há os pequenos fechos que enclausuram, em tarefas concretas ou práticas, períodos de tempo; não se abrem nem se vencem contratos; não se chega na hora, nem se tem horário de saída e, não se acumulam benefícios nem perdas; [...] não se cumpre e nem tem lugar no lugar da intempérie (MERCADO, 2011, p. 183).

A vivência no momento da chamada modernidade tardia ou contemporaneidade provoca insatisfações por parte dos sujeitos. Tal questão é abordada nas palavras da personagem que, ao enunciar sobre o viver, na falta de clemência da intempérie, “não proporciona as satisfações”, isto é, a forma de rememoração no tempo presente é provocada pelas lembranças do tempo passado, mas o que a personagem apresenta é a velocidade e a falta de espaço da vida material. O percurso e estado da intempérie, os

quais cita, possuem outra forma de reflexão, como reconstituir sua vida nesse tempo presente, se nem ao menos, conseguiu estabelecer algo fixo e satisfatório com o passado. De acordo com a questão, Huyssen (2000, 68-69) afirma que “dado o diálogo seletivo e em permanente mudança entre o presente e o passado, acabamos por reconhecer que a nossa vontade presente tem um impacto inevitável sobre o que e como lembramos”. Nesse sentido, o impacto de reelaboração das lembranças causa um estado e transitoriedade da memória e da intempérie, no caso do relato da personagem.

Pode-se afirmar que a Literatura apresenta e se alimenta de processos da matéria mnemônica, mesmo que esses indícios não aparecem de forma explícita, sobretudo, quando o narrador, autor ou personagem, dispõe-se a reelaborar através da linguagem suas vivências e experiências próprias e de outros, ocorrendo assim, um conjunto de possibilidades descritas e que incorporam as particularidades que as lembranças proporcionam. Diante disso, Lages (2007, p. 117) menciona que esse processo e as leituras reescritas através de uma narração são “[...] um trabalho e tanto da memória. Essas leituras, elas mesmas, já são outras reelaborações [...]”. Esse debate da memória, em conjunto à literatura, deixa explícito que a representação do tempo é formada por um aglomerado de leituras e releituras de um dado momento temporal, seja ele visto de forma problematizada ou não. Vejamos o fragmento a seguir:

Provisório, o tempo vai de semana a semana em um trem de paradas sucessivas [...]. As discussões não têm fim, a suspeita não tem fim; e na espessura dessa selva sem tempo, não há diques que parapeitam o contínuo, as folhas não caem, o frio não chega, o presente nunca passa ao futuro. Os acontecimentos estão iluminados como no teatro, exaltados em sua significação; a paranoia nunca tem um corpo tão sibilino como nessa estada sem estações (MERCADO, 2011, p. 34).

A perspectiva da memória ou da problematização do tempo, elaborada pela narradora/personagem é mais uma vez confirmada, ao mencionar que o tempo é

“provisório” e é comparado a “paradas sucessivas”, ou seja, o processo e o estado de memória da personagem são contínuos. Essa maneira de o sujeito encarar a provisoriedade do tempo elabora discussões infinitas sobre sua representação de realidade. Tununa Mercado ainda afirma que na selva (exílio) não há tempo, não há uma maior sucessão, nada chega, e, sobretudo, o tempo presente demora ou nunca alcança o tempo futuro. Dessa forma, Maurice Halbwachs (2006, p. 156) denota que o tempo é “limitado e relativo, mas tem uma realidade plena. É bastante amplo para oferecer às consciências individuais, um contexto de respaldo suficiente para que estas possam nele dispor e reencontrar suas lembranças”, além disso, é um processo extenso e só se torna real, quando passa a ter conteúdo, isto é, quando oferece a memória e ao pensamento um leque de acontecimentos. Nesse sentido, Le Goff (1990, p. 14) afirma que a “oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo”. O passado e o presente tornam-se fundamentais na construção temporal em relação à problemática mnemônica.

### **Considerações finais**

A narração da experiência traçada pela memória e pela escrita (relato) é atribuída à representação e está em conjunto, assim como o corpo e à voz, pois existe uma forte presença da realidade do indivíduo nos aspectos do passado. Nesse sentido, o narrador registra uma prática em uma temporalidade que foi ameaçada no seu início pelo decorrer do tempo e pelo processo do irrepitível. A duplicidade de utilizar a lembrança possibilita a transferência entre o lembrar do que se viveu e a reelaboração de narrações ou até mesmo de imagens passadas, representadas por outros e também de processos mais remotos no tempo. A representação pode ser atribuída sempre à narração como algo falado, um fato vivido, relatos de memórias, narrações de passado.

Nos processos ligados à memória existem visões do passado que são conceitos de imensas construções, pois o passado persegue ou causa uma libertação devido ao seu movimento rápido no tempo presente. A memória evidencia uma função significativa e também interpretativa da temporalidade, sobretudo, porque ao falar do passado, o presente não é interrompido e essa questão implica o tempo futuro. A forma de recordar a experiência, como afirma Beatriz Sarlo (2007, p. 18) “se expande sobre os estudos do passado e os estudos culturais do presente”. Pode-se dizer que a história da oralidade restabelece o modo de confiança no indivíduo que conta ou narra sua vida ou sua experiência, para assim, haver uma conservação e representação da lembrança, e ao mesmo tempo, restaurar um processo identitário ferido.

A perspectiva da memória e a problematização do tempo na pesquisa, permitiram compreender que a autora/personagem/narradora a todo tempo buscou retratar sua memória através de algo que está em contínuo percurso. A construção memorialística constituída nas memórias de Tununa Mercado enfatiza e cria-se uma nova forma de observar à formação temporal no aspecto mnemônico. Por fim, a memória da autora/personagem/narradora possui uma representação fragmentária, visto que o tempo passado e as lembranças são reescritas e reelaboradas de forma reconfigurada, demonstrando a memória que está em “estado” e em “percurso”.

### Referências

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e o tempo. In: \_\_\_\_\_. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.



LAGES, Susana Kampff. Literatura e memória – Caminhos e descaminhos. In: MIRANDA, Danilo Santos de. (Org). **Memória e cultura**: a importância da memória na formação cultural humana. Edições SESC SP, São Paulo: p. 116 – 123. 2007.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_. **História e Memória**. UNICAMP, Campinas, São Paulo. 1990.

MERCADO, Tununa. **Em estado de memória**. Tradução de Idelber Avelar. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MUNHOZ, Solange Chagas do Nascimento. **Narrar a vida à margem**: O exílio em *La casa y el viento*, de Hector Tizón, *En estado de memória*, de Tununa Mercado, e *Rabo de foguete*. *Os anos de exílio* de Ferreira Gullar. 2006. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.